



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

D-503, UM INDIVÍDUO ENTRE O CÉU E O INFERNO: UMA VISÃO DA PERSONAGEM NA DISTOPIA DE EVGENI ZAMIATIN

D-503, AN INDIVIDUAL BETWEEN HEAVEN AND HELL: A VIEW OF THE CHARACTER IN EVGENI ZAMIATIN'S DYSTOPIA

Daniel Bruno Silva Rodrigues (UEG)¹

José Elias Pinheiro Neto (UEG)²

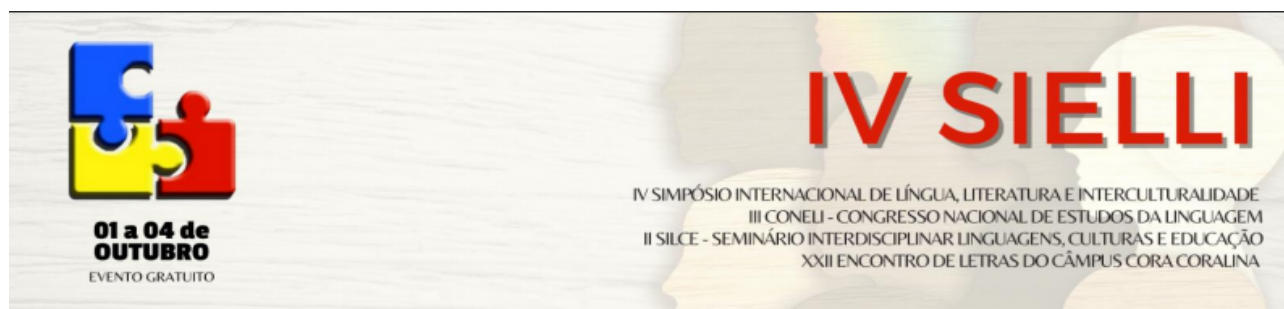
Resumo: O romance distópico, por meio da paródia da utopia, motiva o leitor a questionar sua própria sociedade, e alerta sobre as consequências da conformidade com um regime autoritário, atentando sobre a necessidade de uma reflexão social, e as personagens que habitam esses universos ficcionais, possuem papel de destaque nesse processo de aproximação entre real e ficcional. Desta feita, a presente pesquisa tem como objetivo observar a construção da personagem no romance distópico, pensando nos conceitos de distopia e utopia dos autores Claeys (2010), Ferns (1999) e Vieira (2009), e os conceitos de personagem de Candido (2009) e Forster (2005). O objeto de estudo da pesquisa é a personagem D-503, do romance *Nós*, de Evgeni Zamiatin. A metodologia da pesquisa consiste em uma análise qualitativa (Marconi; Lakatos, 2003) baseada na revisão da narrativa (Rother, 2007), na qual, primeiramente foi feita uma revisão bibliográfica do romance *Nós* e de demais produções científicas, sobre os conceitos teóricos de utopia, distopia e da personagem. Após, foi feita a relação entre teoria e objeto, a fim de observar a construção das personagens no romance distópico, em destaque a personagem D-503. Os resultados da pesquisa possibilitaram observar a evolução da personagem D-503 no decorrer do enredo, pensar a proposta do romance distópico, a construção da personagem nesse tipo de universo ficcional e qual é o papel delas na relação entre real e ficcional.

Palavras-chave: Ficção. Reflexão. Verossimilhança.

Abstract: The dystopian novel, through the parody of utopia, motivates the reader to question their own society and warns about the consequences of conformity to an authoritarian regime, emphasizing the need for social reflexion. The characters inhabiting these fictional universes play a prominent role in this process of bridging the real and the fictional. Therefore, this research aims to observe the construction of characters in dystopian novels, considering the concepts of dystopia and utopia by authors Claeys (2010), Ferns (1999), and Vieira (2009), as well as the character concepts by Candido (2009) and Forster (2005). The object of study is the character D-503 from the novel "We" by Evgeni Zamiatin. The research methodology consists of qualitative analysis (Marconi; Lakatos, 2003) based on narrative review (Rother, 2007). Initially, a literature review of "We" and other scientific productions on the theoretical concepts of utopia, dystopia, and character

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Literatura Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina. email: rodriguesdbs@gmail.com.

² Líder do Grupo de Pesquisa LINTERFACES CNPq/UEG. Doutor em Ciências Humanas pela FFLCH/USP. email: jose.pinheiro@ueg.br.



was conducted. Subsequently, the relationship between theory and the object was analyzed to observe the construction of characters in dystopian novels, focusing on the character D-503. The research findings allowed for observing the character development of D-503 throughout the plot, contemplating the proposal of dystopian novels, examining how characters are constructed in such fictional universes, and their role in the relationship between reality and fiction.

Keywords: Fiction. Reflexion. Verisimilitude.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, que possui viés qualitativo (Marconi; Lakatos, 2003) e por meio da revisão da narrativa (Rother, 2007), tem o intuito de observar a construção e o desenvolvimento da personagem no romance distópico. Para tanto, o objeto de análise é a personagem D-503, do romance *Nós*, de Evgeni Zamiatin, pensando nos conceitos de utopia e distopia (Claeys 2010; Ferns, 1999; Vieira, 2010) e como eles afetam a personagem na trama.

Para a construção deste artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o romance e de demais produções de cunho acadêmico científico sobre os conceitos de utopia e distopia, especialmente em: (Claeys 2010; Ferns, 1999; Vieira, 2010) e da personagem (Candido, 2009). Mister se faz dizer também que foi feita uma relação das concepções teóricas e do objeto, a fim de observar como se dá o processo de construção da personagem D-503 nesse ambiente distópico. Por fim, pôde-se refletir sobre como essa forma de romance afeta a construção das suas personagens.

O romance *Nós* é dividido em quarenta capítulos, constituídos por anotações em forma de diários, escritas pelo protagonista. Os eventos se passam em um mundo que foi devastado pela guerra e pela fome, em que uma nova forma de organização social surgiu com o intuito de salvar a humanidade, nela, não existem mais estados, e sim estado, um Estado Único, que rege a vida de seus cidadãos.

As personagens do romance não possuem nomes, elas são identificadas por letras e números. Na trama é narrada a trajetória de D-503, um matemático, responsável pela construção de uma nave chamada INTEGRAL. Essa nave será enviada a outros planetas, para levar a ideologia do Estado Único a civilizações mais jovens, fazendo com que elas a adotem, mesmo que à força. D-503 passa



por diversos conflitos psicológicos que se iniciam quando conhece e se apaixona por I-330, uma mulher que desafia as leis da tábua dos mandamentos do Estado Único.

No universo ficcional criado por Zamiatin (2017) em *Nós*, a população possui uma rotina pré-estabelecida, segue fielmente, com horário para se levantar, dormir, trabalhar e se relacionar. O regente desse governo, chamado de Benfeitor, é o responsável pela execução dos inimigos da coletividade, aqueles que desobedecem aos mandamentos diários. Os moradores do Estado Único consideram um dever e até mesmo uma honra serem julgados pelo Benfeitor, tanto que os próprios transgressores se entregam para julgamento, assim como entregam qualquer um, mesmo amigo ou parente, que desobedecer aos mandamentos.

D-503, assim como os demais, se comporta dessa maneira no início da trama, porém, depois de testemunhar I-330 agir de forma ilícita acaba não conseguindo denunciá-la, o que o coloca em posição de cúmplice e logo, sujeito ao mesmo julgamento. Frente a essa situação, ele começa a questionar sobre a forma de vida no Estado Único e sobre seus desejos.

É nessa rede de eventos que o enredo se desenvolve. D-503 percorre um caminho repleto de dúvidas e questionamentos sobre a sociedade, a vida, o prazer e o amor, em uma sociedade que deveria ser perfeita e para alguns desses indivíduos ficcionais, como o Benfeitor e o próprio D-503, no início da trama, de fato é, porém é devastadora para I-330. A contradição é um elemento apontado por Gregory Claeys (2010), segundo a perspectiva do autor, uma linha tênue separa o céu do inferno os conceitos de utopia e distopias se aproximam, porém na distopia a felicidade não é realmente alcançada.

Segundo Chris Ferns (1999), o romance distópico, por meio da paródia da utopia, tem a intenção de alertar sobre os caminhos em que a realidade percorre e clamar por transformações, a fim de evitar um futuro pior. Isso faz com que o leitor busque refletir sobre sua própria sociedade e pensar, principalmente, nas consequências vindouras da conformação de um regime autoritário.

A PERSONAGEM D-503 NO UNIVERSO DISTÓPICO DE *NÓS*

Para observar como a mente de D-503 transita entre a utopia e a distopia, faz-se pertinente analisar esses dois conceitos. O termo utopia, desenvolvido por Thomas More (2003), nomeou sua

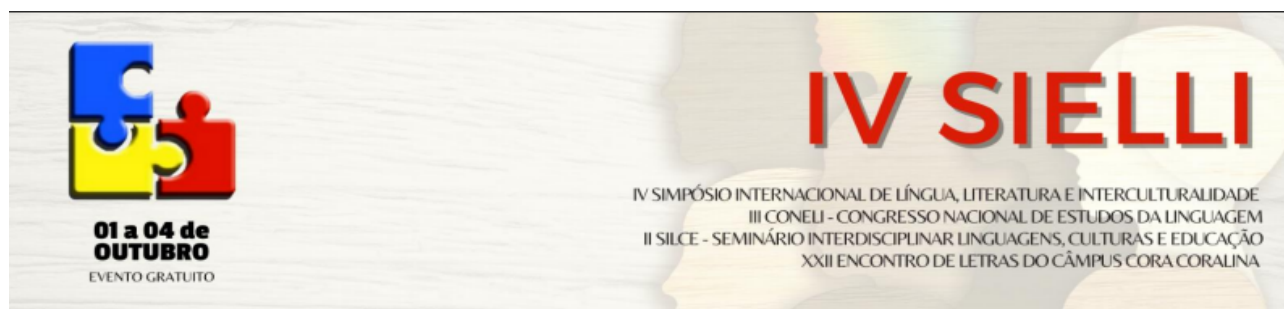


ilha imaginária, onde idealizou uma sociedade mais organizada do que a sociedade inglesa de sua época, em que o bem-estar, a educação e a tolerância seriam seus pilares. Fátima Vieira (2010), ao explorar a epistemologia da palavra, afirma que ela é um neologismo lexical, um derivado de Utopos, nome do governante da ilha de Thomas More (2003), composto pelo prefixo u vindo do grego *Ouk*, que tem a função de negação e *Topos* que significa lugar, com a adição do sufixo ia, que significa país, região ou terra. Logo, o significado da palavra utopia pode ser pensado como lugar nenhum ou um lugar inexistente.

O termo passou então a ser utilizado para citar sociedades melhores do que as reais, lugares paradisíacos e distantes. Chris Ferns (1999) afirma que a utopia representa lugares isolados, cujo acesso é de extrema dificuldade e não podem ser alcançados ou encontrados, a não ser por afortunados viajantes, que testemunham a descoberta e depois regressam para seus lares, esse isolamento, segundo o autor, tem a finalidade de proteger a sociedade utópica da contaminação externa de outras sociedades. A utopia possui caráter comparativo, o autor de um romance utópico tenta representar uma versão melhor da sociedade em que vive.

Além disso, a utopia apresenta em seu cerne a homogeneização. Chris Ferns (1999) observa que há uma padronização dos indivíduos, suas roupas, nomes, hábitos e comidas, tendem a ser iguais. Tudo isso parte do princípio de que o padrão é um requisito de uma sociedade ideal, em resultado disso, a natureza da sociedade utópica é autoritária, com o poder centrado em uma doutrina fixa e imutável que garante a perpetuação da homogeneização total da população.

A palavra utopia tornou-se a raiz para várias novas palavras, entre elas a distopia. Fátima Vieira (2010) expõe que distopia surgiu como uma contraparte da utopia, enquanto a utopia idealiza uma sociedade melhor do que a de seu autor, a distopia apresenta uma sátira dessa sociedade perfeita, em que tudo e todos são iguais. Porém isso traz infelicidade para a população. Além disso, chama a atenção do leitor para a necessidade de problematizar sobre os caminhos que a sua sociedade está tomando e expondo, principalmente, os perigos de um regime autoritário, dentre eles a perda da identidade, liberdade e direitos de escolha. Transformando a fantasia de um mundo perfeito em algo perturbador.



A distopia promove a crítica da utopia. Para Chris Ferns (1999), ela é a paródia da utopia, na qual a sátira é a ferramenta utilizada pelo autor para denunciar os problemas sociais vividos pela população, em especial as consequências de um regime autoritário, e levar o leitor a refletir sobre até que ponto sua sociedade é representada ali. Em suas palavras o autor expõe que

While the traditional utopia seeks to forestall critical judgement of the alternative society, utopia constituting the standard by which our own world is judged and found wanting, dystopian fiction positively demands that readers judge the projected society by the standards of their own. Confronted by a world where everyone lives in glass boxes, as in *We*, under the constant surveillance of telescreens, as in *Nineteen Eighty-Four*, or under the inescapable influence of both pre- and post-natal conditioning, as in *Brave New World*, it is almost impossible not to conclude that the dystopian projection is less desirable than the world as it stands. (Ferns, 1999 p.109).³

Observa-se no trecho de Ferns (1999), que embora o romancista utópico tente criar a ideia de uma sociedade melhor do que a própria, a utopia não é capaz de fomentar uma ideia que mude verdadeiramente a sociedade, pois evita o seu questionamento crítico. Isso pode ser observado na própria ideia de criar um lugar novo, uma ilha isolada do contato com o restante do mundo, onde viveria o padrão ideal de sociedade, mas todo o restante do mundo não seria transformado, seria apenas descartado. Enquanto isso, a distopia dá ênfase a determinados aspectos sociais, como no exemplo dado pelo autor, as casas de vidro em *Nós*, as telas de vigilância em *1984*, ou o controle pré e pós-natal em *Admirável Mundo Novo*, esse exagero faz com que o leitor julgue a sua própria sociedade e impulsiona a criticidade. O que seria o canal de uma possível transformação social.

Tanto no romance distópico quanto no romance utópico pode-se observar a padronização dos indivíduos, a perda da individualidade, da privacidade e um intenso autoritarismo. Atos comuns de uma sociedade, como escolhas de profissões, relacionamentos, estilos de roupas, por exemplo, se tornam inalcançáveis. Segundo Ferns (1999), tanto na distopia quanto na utopia a mensagem

³ Enquanto a utopia tradicional busca evitar o julgamento crítico da sociedade alternativa, constituindo um padrão pelo qual nosso próprio mundo é julgado e considerado insuficiente, a ficção distópica exige que os leitores avaliem a sociedade pelos padrões da sua própria. Confrontados por um mundo onde todos vivem em caixas de vidro, como em *Nós*, sob a constante vigilância de teletelas, como em *1984*, ou sob a influência inescapável de condicionamento pré e pós-natal, como em *Admirável Mundo Novo*, é quase impossível não concluir que a projeção distópica é menos desejável do que o mundo como ele é (Ferns, 1999 p.109, tradução adaptada).



continua a mesma, a individualidade não é confiável, pois ela pode ir contra as vontades do regime absolutista e perturbar o equilíbrio da sociedade.

Assim, as personagens desses tipos de romance são comumente homogeneizadas, para evitar que desviem dos comandos, ou se rebelem contra o seu governo. Como é o caso do romance *Nós*, elas não possuem nomes próprios, não decidem onde vão trabalhar, quanto tempo vão ficar fora de casa e tem sua vida, mesmo em suas partes mais íntimas, exposta e controlada pelas tábuas dos mandamentos diários. Desta maneira, não há possibilidades de confrontar o regime do Estado Único.

Pensar no romance distópico, requer atentar-se também para os seres ficcionais que nele habitam. Dado que, segundo Candido (2009), as produções romanescas são sustentadas em três colunas, o enredo, que consiste na sequência de acontecimentos ficcionais, as ideias, que são o conjunto de valores e significados que motivam a produção do romance e as personagens, seres ficcionais que vivem esses acontecimentos e habitam esses espaços. As personagens estão diretamente ligadas ao processo de transmissão das ideias que fomentam o romance, pois possuem um alto valor no processo de aproximação do leitor ao texto, suas semelhanças ou diferenças do real, chamam a atenção do leitor, de tal forma que impulsiona o sucesso do gênero romance.

Este interesse do leitor para com as personagens, conforme o pensamento de Forster (2005), surge pela possibilidade que a personagem dá ao leitor de conhecer o outro em sua totalidade. No romance, o leitor tem conhecimento não somente das ações das personagens, mas também de seus pensamentos e sentimentos, em um nível, possivelmente, mais profundo que em um relacionamento real.

Outro fator que promove esse interesse do leitor pelas personagens é a verossimilhança. A aproximação entre o real e o ficcional que possibilita imaginar as ações de um indivíduo real em um mundo ficcional. No entanto, cabe atentar-se que as personagens não são cópias de indivíduos reais. Candido (2009), lembra que as personagens são resultados das ideias do autor, e que embora tenham semelhanças com indivíduos reais, não são cópias, pois para isso seria necessário conhecer o outro em sua totalidade, algo improvável, além disso, iria contrário ao próprio gênero do romance.

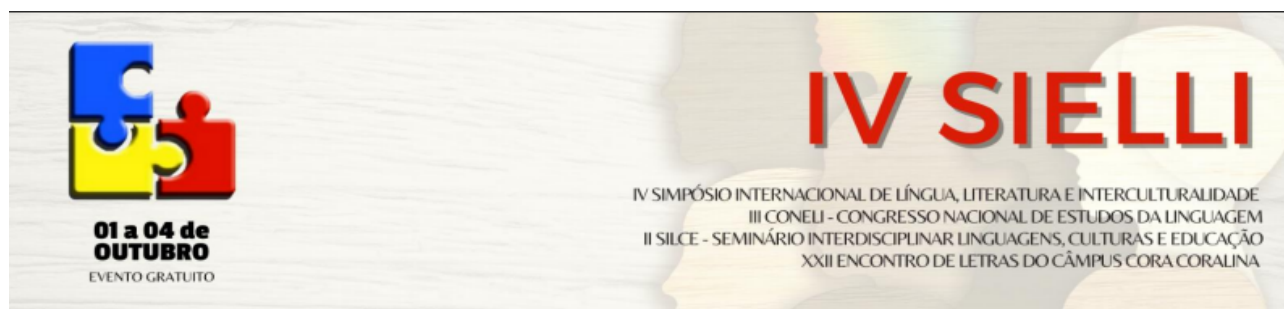


Quanto ao desenvolvimento das personagens no romance, para Candido (2009) e Forster (2005), existem dois tipos diferentes de personagens. As que possuem um desenvolvimento em curva são chamadas de esféricas, elas são apresentadas no início da trama de uma determinada forma, porém no desenrolar dos eventos ficcionais se transformam, chegando a serem completamente diferentes no final do romance e possuindo uma considerável densidade psicológica. Esses tipos de personagens comumente manifestam um caráter consideravelmente verossímil, tendem a captar a atenção do leitor e fixar-se em sua memória. Outro tipo de personagem apontado pelos teóricos são as personagens planas, elas seguem uma trajetória psicológica linear. Geralmente são construídas a partir de uma ideia ou conceito e mantêm suas camadas psicológicas estáticas, permanecendo sempre as mesmas até o fim da trama. Sobretudo, elas também evocam a verossimilhança e são lembradas por determinada fala, ação ou característica específica.

Para o romance distópico, faz-se proveitosa essa característica das personagens de captar a atenção do leitor e o imergir na trama ficcional. Pois, conforme os fundamentos teóricos de Ferns (1999), a distopia tem o interesse de traçar um paralelo entre o universo real e o universo ficcional, levando o leitor a enxergar traços de sua própria sociedade dentro da sociedade distópica e a refletir sobre ela. Logo, as personagens ocupam papel de destaque nesse processo.

O romance *Nós*, já demonstra em suas primeiras páginas algo que Ferns (1999) aponta por característica distópica, uma forma de governo completamente autoritário e uma devoção completa a esse governo por parte da população. Existe naquela sociedade uma admiração incondicional pelo governo do Estado Único e seu regente, o Benfeitor. Isso é algo que se pode observar na fala da personagem D-503, no seguinte trecho

Em nome do Benfeitor anuncia-se a todos os números do Estado Único: Todos aqueles que se sentirem capazes devem compor tratados, poemas, manifestos, odes e outras obras sobre a beleza e a grandeza do Estado Único. Este será o primeiro carregamento que a INTEGRAL levará. Viva o Estado Único! Vivam todos os números! Viva o Benfeitor!'. Enquanto escrevo isto, sinto minha face arder. Sim: integrar a grandiosa equação do universo. Sim: dissolver a curva selvagem, corrigindo-a numa tangente, numa assíntota, numa reta. Porque a linha do Estado Único é a reta. A reta é grande, divina, precisa e sábia, a mais sábia das linhas... (Zamiatin, 2017, p. 8).

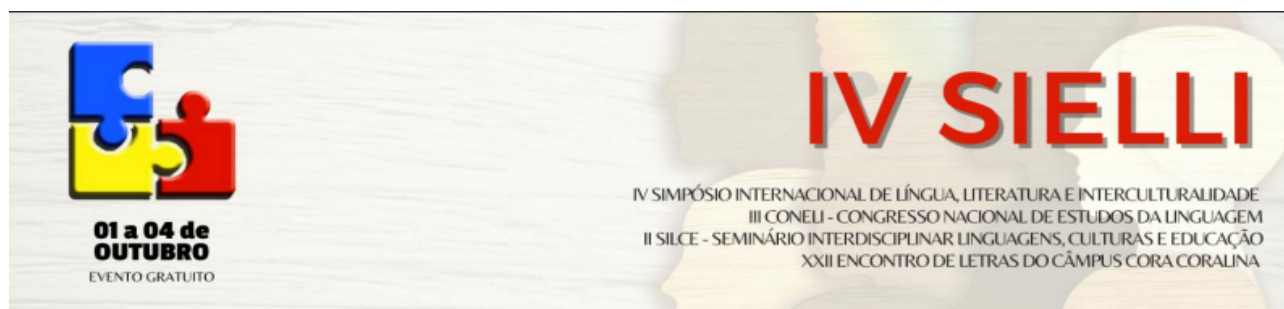


Observa-se a reverência e admiração de D-503 ao governo do Estado Único. Ele é um matemático, responsável inicialmente pela criação de uma nave chamada de INTEGRAL cuja missão é levar a ideologia de governo do Estado Único a outras civilizações mais jovens, para guiá-las à verdadeira felicidade e a uma organização social perfeita. Sua devoção é tamanha que ele repudia qualquer outra forma de sociedade, chamando-a de selvagem e afirmando que primeiramente recorreriam às palavras, mas a forma de governo do Estado Único deve ser introduzida nessas civilizações mesmo que à força.

A personagem mostra-se contente com a privação de sua individualidade e liberdade de pensamento. Algo que Ferns (1999) também aponta como característica do romance distópico, em que há uma homogeneização dos indivíduos, roupas, comidas, formas de pensamento, tudo deve ser igual, pois a individualidade é considerada perigosa e propícia a levantar-se contra um regime autoritário. Essa concepção pode ser notada na fala de D-503, que enquanto observa uma apresentação de dança, a compara com o governo do Estado Único

Por que a dança é bela? A resposta: porque o movimento é controlado, porque todo o sentido profundo da dança está precisamente na subordinação estética absoluta, na ideal falta de liberdade. E se é verdade que nossos antepassados entregavam-se à dança nos momentos mais inspirados de suas vidas (mistérios religiosos, paradas militares), isso significa apenas uma coisa: desde tempos imemoriais o instinto de controle é organicamente inerente ao homem (Zamiatin, 2017, p.10).

Para D-503, cores, formas, pensamentos ou qualquer coisa que propague a heterogenia e a individualidade são completamente inverossímeis e absurdas, o controle é algo intrínseco ao homem, instintivamente ele recorre ao controle e a ordem. Segundo a personagem, a liberdade representa o caos, a desordem, a destruição, desta feita, ao viver no regime do Estado Único ele inicialmente se considera em uma utopia. Além disso, outro ponto que demonstra a ruptura da liberdade e da individualidade, pode ser observado no nome das personagens. Como exemplo D-503, composto, assim como os demais, por uma letra e números, um código que expressa quantidade e não individualidade, o próprio D-503 não se refere a outras personagens como pessoas ou indivíduos, o substantivo utilizado por ele é sempre números.



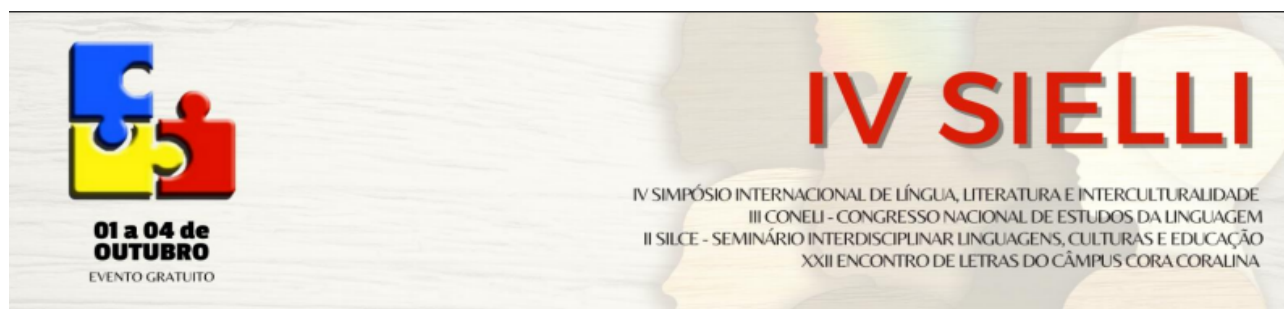
A princípio, as ações de D-503 são completamente controladas pelo governo do Estado Único. Cada minuto de seu dia é guiado pela Tábua das Horas, que estabelece a métrica em que os cidadãos, pontualmente, realizam todas as suas ações, como acordar, comer, trabalhar, descansar e até se relacionar sexualmente. Tudo contado em segundos. Algo que condiz com as concepções de Ferns (1999) sobre o romance distópico. Observa-se uma forma exagerada de demonstrar as consequências de um regime autoritário na vida da população, e a construção das personagens nesse tipo de romance é diretamente afetada por essa ideia.

D-503 demonstra-se completamente adepto e preso a essa rotina, porém ele, no início, não tem compreensão disso como uma prisão, mas sim de uma forma de salvação dos perigos e abominações da liberdade. Em paralelo com os aspectos teóricos vistos, pode-se considerar que D-503, a princípio, não se vê em uma distopia, ao contrário, considera aquilo uma utopia. Ao escrever suas cartas que serão enviada a outros mundos, a personagem diz

Não há nenhum X em mim (não é possível), apenas tenho medo de que um X fique em vocês, meus leitores desconhecidos. Mas acredito que não me julgarão com severidade demais. Acredito que vocês compreendem que para mim escrever é tão difícil como nunca foi a qualquer autor ao longo de toda a história da humanidade: uns escreviam para seus contemporâneos, outros para seus descendentes, mas ninguém nunca escreveu para os antepassados ou seres semelhantes aos seus selvagens antepassados distantes... (Zamiatin, 2017 p. 34 e 35).

Observa-se que até esse momento D-503 tem plena convicção de que o governo do Estado Único é perfeito e incontestável. Como ele afirma, não é possível que haja dúvidas disso para ele. Sua maior preocupação é fazer com que as sociedades alcançadas pela INTEGRAL compreendam essa mensagem. Ele as compara à antiga sociedade da terra, que em sua visão era selvagem e perigosa.

Existe uma extrema devoção dos habitantes ao regime do Estado Único, ao ponto de todas as suas construções serem de vidro transparente, permitindo que possam ser monitorados e que eles também possam monitorar seus vizinhos, parentes ou amigos, cumprindo assim seu dever como parte daquela sociedade. Essa autovigilância, como visto, é algo que Ferns (1999) aponta como uma característica da projeção distópica, citando o próprio romance *Nós*. Ademais, segundo o autor, isso



também demonstra como uma sociedade distópica pode ser menos desejável ao leitor do que a sua sociedade atual.

Todavia, no decorrer da trama observa-se uma transformação na mente de D-503 em relação a sua certeza sobre as leis do regime. Pensando na concepção de personagem de Candido (2009) e Forster (2005), D-503 pode ser observado como uma personagem esférica, cujo desenvolvimento se curva e se transforma ao desenrolar dos eventos. Essa curvatura se inicia com a chegada de uma nova personagem, chamada de I-330. Um dos primeiros pontos em I-330 que chama a atenção de D-503, são suas sobancelhas, em formato de x, o próprio D-503, ao afirmar sua convicção ao Estado Único, afirmava que não havia nele um x, porém isso havia acabado de mudar. O autor, por meio de uma referência matemática, demonstra que com a chegada de I-330 surgem dúvidas na vida de D-503.

Outro ponto que pode demonstrar como a personagem se via em um mundo perfeito e era devota ao governo do Estado Único, é a ideia de que ele havia solucionado problemas que nenhum outro governo conseguiu, como a fome e as tragédias relacionadas aos envolvimento amorosos. Essa ilusão de solução foi criada por meio da padronização dos alimentos consumidos e do monitoramento da vida sexual. Algo que, inicialmente, D-503 não via como um problema.

Para acabar com a fome foi criada uma ração para a população. Um produto derivado da nafta, o qual é consumido por todos, em quantidades e horários iguais. Isso reafirma a natureza distópica do romance e demonstra um exemplo da padronização dita por Ferns (1999). Em relação ao amor, o Estado Único criou as *Lex Sexualis*, que garantem a qualquer indivíduo o direito de registrar outro em seu nome, se encontrar e, se quiser, ter relações sexuais com ele, durante o período de uma hora, em um dia específico. Eliminando qualquer forma de conexão afetiva entre as partes.

É exatamente esse o caminho que I-330 usa para alcançar D-503. Ao registrá-lo em seu nome, ela faz com que ele visite locais que mostram aspectos da cultura social do passado, rica em diversidade, cores, sabores, desejos e sentimentos como preguiça, luxúria, raiva e ciúme. Coisas que D-503 sempre repudiou, mas ao experimentar tudo aquilo e cultivar pela primeira vez um



sentimento amoroso, ele começa a passar por um processo de autoquestionamento e transformação. O primeiro sinal de mudança na mente de D-503 pode ser observado no seguinte trecho

Uma coisa dessas nunca me passou pela cabeça antes, mas foi exatamente assim: nós, na Terra, andamos o tempo todo sobre um mar vermelho e fervente de fogo, oculto lá, nas entranhas do planeta. Mas nós nunca pensamos sobre isso. E se, de repente, a casca sob os nossos pés começasse a se vitrificar, e de repente pudéssemos ver... Transformei-me em vidro. Vi a mim mesmo por dentro. Havia dois de mim. Um eu era o D-503 de antes, o número D 503, mas o outro... Antes, ele apenas mostrara um pouco suas patas peludas fora da casca, mas agora saíra completamente, a casca estalava, rompera-se em pedaços e... e o quê, agora? Com todas as minhas forças agarrei-me àquele fio – os braços da poltrona –, e perguntei, para ouvir meu antigo eu:– Onde... Onde você conseguiu esse... esse veneno? – Oh, isso! Só um médico, um de meus... – “De meus”? “De meus” o quê? Subitamente, o outro eu saltou e começou a gritar:– Não admito! Não quero que haja ninguém além de mim. Vou matar qualquer um... Porque você, eu e você... (Zamiatin, 2017 p.74).

Pela primeira vez, D-503 experimenta o sabor da bebida, vindo diretamente dos lábios de I-330. Mas não somente isso, pela primeira vez ele se sente em dúvida sobre sua vida, sobre sua identidade, percebe que a vida toda era como se houvesse outra versão de si, presa e enterrada. Esse outro D-503 possuía sentimentos que ele nunca havia experimentado, como o amor, a paixão, a raiva e o ciúme e, cada vez mais, buscava libertar-se de sua prisão. As mudanças acontecem de maneira rápida. O amor que sentia por I-330 rapidamente se converteu em ciúmes e raiva, à simples menção de um possível outro homem registrado por ela.

Nesse ponto, D-503 dá o primeiro passo para cruzar a fronteira do céu e do inferno dita por Claeys (2010). O universo ficcional permanecia o mesmo, porém o indivíduo não. Para esse novo indivíduo cheio de pensamentos e sentimentos, a forma de regime do Estado Único que pregava a extinção da diferença, seria cada vez menos perfeita.

No início do romance, ele considerava um momento sublime o julgamento feito pelo Benfeitor. Porém, após esses acontecimentos, mesmo sendo obrigado a entregar I-330 para que seja punida por seus atos, considerados criminosos pelo governo autoritário do Estado Único, ele não consegue. A curvatura da personagem vai de um indivíduo que ficava maravilhado ao ver o Regente do governo exterminar os transgressores da lei, a uma personagem que não só protege uma revolucionária como também colabora com atos terroristas. Por fim, a única forma de D-503 voltar



a ver o Estado Único como perfeito era passar por um processo de operação, semelhante a uma lobotomia, que removia suas individualidades.

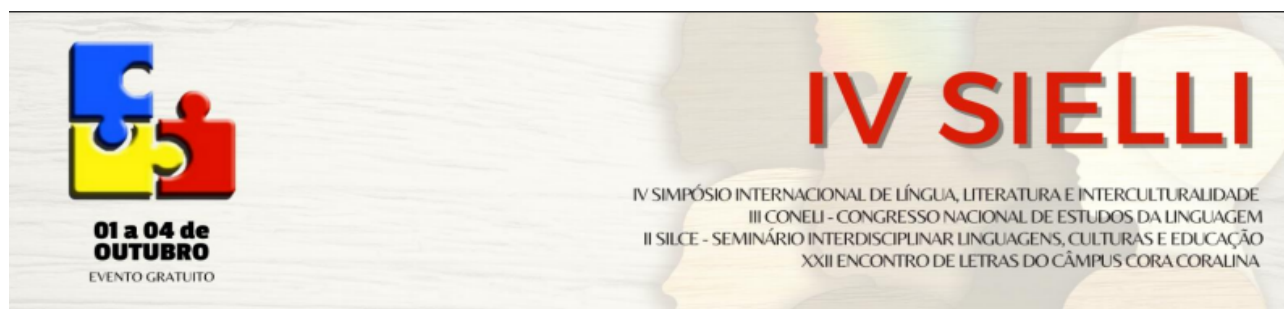
Contudo, observando o desenvolvimento psicológico de D-503 e pensando nas concepções teóricas de Candido (2009) e Forster (2005), pode-se analisar como a personagem demonstra as dificuldades de um indivíduo em viver em uma sociedade distópica, controlada por um regime autoritário. Esse apontamento condiz com a proposta do romance distópico. Segundo Ferns (1999), ele busca chamar a atenção do leitor para as mudanças necessárias em sua própria sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto em questão demonstra como se dá a construção e o desenvolvimento da personagem na distopia. A narrativa distópica cria uma sociedade muito semelhante à utópica, porém parodiada. Isolada do restante do mundo e regida por uma forma de governo completamente autoritário, que não permite qualquer diversidade ou individualidade e estabelece a completa homogeneização da população. Zamiatin (2017) possibilita, ao leitor de seu romance, traçar paralelos entre a sua própria sociedade e a ficcional e demonstra a necessidade de atentar-se, principalmente, aos perigos de conformar-se com um governo altamente arbitrário.

É plausível considerar que, as personagens do romance em questão, em destaque D-503, possuem um papel relevante no processo, de chamar a atenção do leitor para a necessidade de reflexão e questionamento social. A verossimilhança proporciona essa possível proximidade entre o indivíduo real e o ficcional e, conseqüentemente, entre o contexto de vida real e o imaginado por Zamiatin (2017). Além disso, a evolução dos sentimentos da personagem D-503, demonstra ao leitor as conseqüências desse tipo de sociedade na vida da população. Exemplificando seus impactos, tanto físicos quanto psicológicos, uma vez que o leitor pode conhecer D-503 por completo, tendo ciência de seus sofrimentos mais íntimos.

É cabível ponderar que o romance *Nós* convida o leitor a imergir no universo ficcional, e a examinar as características de sua própria sociedade, avaliando-a em diversos níveis. Como direitos sociais, igualdade social, liberdade de expressão, liberdade de pensamento, privacidade, dentre



outros. O romance, também aguça o leitor a voltar o olhar para seu próprio ser e refletir sobre suas ações, emoções e sua própria existência.

Logo, D-503 tem papel de destaque nesse processo. Ao observar a construção e o desenvolvimento da personagem, que vai de um fiel adepto do autoritarismo a um apoiador de revolucionários, é possível aproximar o ficcional e o real e pensar em como seria difícil a vida em uma sociedade como de *Nós*. A personagem expõe seus sentimentos ao leitor, fazendo com que ele experimente como seria estar dentro da trama. Assim, da mesma forma que D-503 passa por um processo de reflexão e transformação, o leitor também volta o olhar para si mesmo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CLAEYS, Gregory (Ed.). **The Cambridge companion to utopian literature**. Cambridge University Press, 2010.

FERNS, Chris. **Narrating utopia: Ideology, gender, form in utopian literature**. Liverpool University Press, 1999.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Pietro Masseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paulista de enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

VIEIRA, Fátima. The concept of utopia. **The Cambridge companion to utopian literature**, v. 3, p. 3-27, 2010.

ZAMIATIN, Evgeni. **Nós**. Tradução Gabriela Soares. São Paulo: Aleph, 2017.